

TRAJETÓRIAS DE LONGEVIDADE ESCOLAR EM FAMÍLIAS NEGRAS E DE MEIOS POPULARES (PERNAMBUCO, 1950-1970).

Fabiana Cristina da Silva –UFPE/NEPHEPE¹

4. Gênero e Etnia na História da Educação Brasileira

1. Introdução

Este artigo traz os resultados finais obtidos com a minha dissertação de mestrado², que teve como objetivo principal identificar, descrever e analisar as condições que possibilitaram filhos de famílias negras de meios populares alcançarem uma certa longevidade escolar³ em Pernambuco, no período de 1950 - 1970. Nesse sentido, buscou-se compreender como filhos de pais analfabetos ou semi-alfabetizados conseguiram superar as expectativas das gerações anteriores chegando ao ensino secundário e/ou superior no período estudado.

A discussão sobre escolarização de indivíduos negros que se observa atualmente no Brasil é um dos fatores que nos despertaram para a elaboração desta pesquisa.

Nesse sentido, se o acesso de afrodescendentes a níveis superiores da escolarização é, na atualidade, ainda marcado por dificuldades, pode-se imaginar como esse processo se dava em gerações anteriores, em um país que tem sua história marcada pela expansão restrita e tardia da escolarização.

Além disso, são ainda mais raros os estudos que, em uma perspectiva histórica, abordam a questão do negro e suas relações com a escola, principalmente o papel ocupado por suas famílias nesse processo. Que fatores contribuíram para que indivíduos negros obtivessem uma longevidade escolar? Quais os percalços na formação desses indivíduos?

A pesquisa baseou-se em estudos realizados nos campos da Sociologia da Educação⁴, da História da Educação, da Nova História Cultural⁵ e da Micro-História, que

¹ Professora substituta do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco e Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa História da Educação em Pernambuco.

² Dissertação defendida em 2005, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco sob a orientação da Professora Ana Maria de Oliveira Galvão. Esta pesquisa é um dos estudos que integram o projeto integrado “Entrando na cultura escrita: percursos individuais, familiares e sociais nos séculos XIX e XX”, que busca por meio de estudos monográficos, apreender os diferentes modos pelos quais os indivíduos, famílias e grupos sociais comumente associados ao mundo do oral realizaram, nos séculos XIX e XX, sua inserção na cultura escrita. O projeto é realizado conjuntamente por equipes da UFPE, UFMG e EHESS (Paris) e tem o apoio do CNPq.

³ Estou qualificando de *longevidade escolar* as situações de permanência no sistema escolar e tomando como indicador desse fenômeno o acesso ao ensino secundário ou superior, no período estudado.

⁴ São autores que estudaram o sucesso ou a longevidade escolar nas camadas médias e populares, como, por exemplo, o estudo já clássico de (LAHIRE, 1997); a coletânea organizada por (NOGUEIRA et al, 2000); (VIANA, 1998); (PORTES, 2001); (GURGEL, 1998) entre outros.

⁵ Ver alguns estudos da História e da História da Educação sobre indivíduos que conseguem superar as gerações anteriores ou desenvolveram estratégias bastante singulares para aprender e fazer uso da leitura e da escrita como demonstram (GINZBURG, 1987); (GALVÃO, 2001 e 2003); (HÉBRARD, 1996) entre outros.

estacaram algumas condições e fatores que contribuem para uma maior intimidade com a escola e/ou com a leitura e a escrita de indivíduos de famílias não "herdeiras"⁶.

O período estudado corresponde ao processo de escolarização dos filhos. Nesse momento histórico, o ensino ainda não se encontrava plenamente democratizado e as taxas de escolarização referente ao ensino secundário e ao superior, principalmente em Pernambuco e nos meios populares, eram ainda muito baixas. Segundo dados da Revista Conjuntura Econômica, de março de 1957⁷, no censo de 1950, apenas um pouco mais de 20% dos habitantes ativos remunerados possuíam cursos completos, e em cada 100 deles, 84 tinham certificado do ensino primário, 15 do secundário e apenas 1 tinha o ensino superior. Pode-se, a partir desses dados, ver o quanto era seletivo o ensino secundário e principalmente o superior.

Essa disparidade se torna ainda maior quando tomamos como característica de análise a cor. No mesmo censo de 1950, tomando a população de mais de 10 anos de idade, temos que a percentagem de alfabetizados situava-se ao redor de 48%; e com curso completo, seja primário, secundário ou superior, cerca de 18%. Quando observamos segundo a cor, temos:

GRAU DE INSTRUÇÃO DA POPULAÇÃO DE MAIS DE 10 ANOS DE IDADE, SEGUNDO A COR:

Cor	% de alfabetizados maiores de 10 anos
Branco	52,9
Pardo	31,0
Negro	26,7
Amarelo	82,6

Fonte: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. CONJUNTURA ECONÔMICA. N.3, Março, 1957. (Quadro baseado em tabela, p. 67).

Nesse contingente de alfabetizados, verificamos que 42% dos brancos, 38% dos amarelos e apenas 6% dos pardos e 6% dos negros tinham curso completo (seja primário, secundário ou superior). É nesse sentido que abordamos as famílias estudadas como uma exceção que fugiu a uma regra tão estreita e tão bem definida, em que pessoas negras e de meios populares só chegavam, em sua maioria, no máximo a galgar um diploma de conclusão do ensino primário.

⁶ A palavra "herdeiro" é utilizada no sentido definido por Bourdieu que significa denominar um grupo de indivíduos que têm o privilégio de pertencer a famílias que possuem recursos culturais e materiais que possibilitam e/ou potencializam a transmissão de um capital cultural (BOURDIEU & PASSERON, 1964). Além deste conceito, trabalhamos também com as categorias de Capital (cultural, social e econômico) também definidas pelo autor. (BOURDIEU, 2002).

⁷ Trata-se de uma revista econômica que traz um artigo intitulado: "Os negros na sociedade brasileira", que aborda as ocupações profissionais, econômicas e a situação educacional dos negros no Brasil, tomando como análise o censo de 1950.

Duas famílias constituíram o objeto desta pesquisa⁸. Os depoimentos orais, realizados sob os pressupostos da “história” oral, constituíram a principal fonte do trabalho. A utilização da história oral, se deve por ela trazer várias e importantes reflexões teóricas e metodológicas necessárias à realização da pesquisa como, por exemplo, as relações entre história e memória, entre trajetórias de vidas e construção de identidades, entre a tradição oral e a tradição escrita, além de outros aspectos que indicam a riqueza e o potencial dessa metodologia⁹. Além do trabalho com depoimentos orais, também se tornou necessário reconstruir dados disponíveis aos níveis de alfabetização, escolarização e urbanização do período nas cidades onde moraram e estudaram as famílias pesquisadas. Nesse sentido, foram consultados os acervos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas História da Educação em Pernambuco (NEPHEPE).

2. O papel da família

É primeiramente no âmbito familiar que os filhos, desde pequenos, absorvem os conceitos fundamentais para cada família, a maneira de se conduzir dentro daquela sociedade. Algumas famílias de meios populares, por não terem um patrimônio financeiro e às vezes intelectual a ser preservado, têm na sua herança moral o bem mais precioso. Segundo Lahire, *“uma parte das famílias das classes populares pode outorgar uma grande importância ao ‘bom comportamento’* (1997, p. 25).

A família 1 mostra que esta característica a distinguiu das demais famílias de sua localidade. Era uma família que, ao longo dos anos e principalmente no período analisado, tornou-se muito respeitada dentro da sua comunidade, principalmente na rua em que morava. Era uma família que, através da educação dos filhos e de sua relação com os demais, revelava uma certa rigidez, estabilidade, confiabilidade e segurança. Os pais eram

⁸ A família 1 é constituída por pai, mãe e dois irmãos. Os pais, dona Conceição, 77 anos, costureira. Seu Edmilson, 82 anos, pedreiro. Ambos, não chegaram a concluir o primário e atualmente são aposentados. Lúcia é a filha mais velha, tem 58 anos, é solteira e sem filhos. Fez a graduação em Pedagogia e Mestrado e Doutorado em Educação. É professora universitária desde 1976. Luiz, único homem, é o filho do meio. Atualmente tem 56 anos, é casado e tem três filhas. Tem o secundário incompleto. Luciana é a filha mais nova, tem 55 anos, é separada e tem três filhos homens. Fez o curso de graduação em Letras e trabalha como professora nas redes municipal do Recife e estadual. A família morou, durante quase toda a infância e o início da adolescência dos filhos, em uma casa própria no bairro de Águas Compridas, em Olinda. Aproximadamente no final da década de 50 se mudou para o bairro de Cajueiro, na cidade do Recife, para outra casa própria onde os pais residem até hoje. A família 2 é constituída por pai, mãe e dois irmãos. Os pais, seu Robson, alfaiate e dona Célia, bordadeira, já falecidos, Seu Robson e dona Célia tinham o curso primário completo. Tiveram dois filhos legítimos e uma filha adotiva; José é o filho mais velho, atualmente com 64 anos, casado, e tem três filhos. É médico e exerce a profissão de psiquiatra na cidade de São Paulo. Célia é a filha do meio, tem 60 anos de idade, é solteira e não tem filhos. Fez graduação em medicina, tem mestrado em Antropologia e atualmente está fazendo o Doutorado em Antropologia. Exerce a profissão de professora universitária. Dorinha é a filha mais nova, foi adotada por seu Robson e dona Célia na cidade de Barreiros. Com 56 anos, é casada e tem dois filhos. Fez o curso de graduação em Pedagogia e atualmente é aposentada como professora da rede estadual. A família morou, durante quase toda a infância dos filhos, em uma casa própria na cidade de Barreiros. Depois moraram a maior parte do tempo no bairro de Cajueiro, na cidade do Recife, em uma casa própria.

⁹ Para o aprofundamento dessas questões, ver, entre outros, Alberti (1990), Amado e Ferreira (1996), Thompsom (1992).

conhecidos como pessoas que “(...) *tomavam conta dos filhos, que a casa era ordenada, essas coisas toda (...)*” (Lúcia). As crianças eram vistas como caseiras, que não se misturavam com as outras crianças da rua, e só saíam de casa acompanhadas pelos pais.

Na família 2, por outro lado, o que se sobressai no depoimento de Célia é que sua família, ainda em Barreiros, tinha o diferencial de ter um certo prestígio, um prestígio de caráter sobretudo intelectual, pois seu pai era alfaiate e sua mãe se tornou bibliotecária da Biblioteca Municipal da cidade: “(...) *Tinha o prestígio intelectual. Porque ela era bibliotecária.*” (Célia).

Preservar essa denominação de um Bom Exemplo de Família a ser seguido ajudava e interferia, positivamente, na escolarização dos filhos.¹⁰ . Diante disso, podemos observar que a construção do que era ser uma boa família advinha do rigor e do controle que os pais tinham em relação aos filhos, tanto no dia-a-dia, dentro da comunidade, quanto nas atividades escolares.

Nas famílias estudadas, todos os membros parecem ter desempenhado um papel específico e importante no projeto bem sucedido de escolarizar os filhos. Mas, sem dúvida, nenhum deles se destacou tanto nesta pesquisa como a figura da Mãe. É atribuída a ela, em todos os depoimentos dados por seus respectivos filhos, a quase completa responsabilidade pela longevidade escolar, pela importância e valor atribuídos à escola. São histórias de mulheres fortes, de fibra, que se destacavam pelo empenho e esforço realizado dia a dia para a manutenção dos filhos na escola. Realizando um permanente e diário acompanhamento ou monitoramento das atividades escolares, com horários específicos e rígidos, cuidando e zelando do material escolar, ajudando nas tarefas, muitas vezes, decodificando as orientações da professora e usando sempre a repetição oral do que ela ordenou, verbalizando para que o filho pudesse entender melhor, entre outros.

O lugar do pai na família em relação à escolarização é, na memória das filhas, sempre muito específico: o de provedor e financiador dos estudos. Normalmente, é delegado à mãe o papel, acima discutido, de acompanhamento do processo de escolarização dos filhos. Nas duas famílias, o pai é retratado pelas filhas também como incentivador, mas não de forma sistemática e permanente. Ele é visto como aquele que acompanha passivamente. Às vezes é tido mais como um ouvinte do que como um interlocutor.

¹⁰ Viana (2000) também vislumbrou características como essa em sua pesquisa. Segundo a autora, ao lado da presença constante e sistemática da família acerca do valor da escola, ela observou também o que denominou de “*fechamento familiar*”, o que pode ser observado através do depoimento de Olga, uma das entrevistadas, que era “*sistematicamente proibida, por exemplo, de brincar na rua com outras meninas de sua idade*” (p. 54).

O papel ocupado por cada irmão dentro da família e principalmente no processo escolar constitui um fator importante para compreendermos as condições que possibilitaram a longevidade escolar. Nos depoimentos analisados, o irmão mais velho despontou como referência para os outros irmãos. Nas duas famílias ele ocupa o papel fundamental tanto na vida escolar quanto pessoal dos outros irmãos e da família. Foram eles que tiveram trajetórias escolares contínuas de sucesso e que gozam de um prestígio tanto na família quanto fora dela.

Se, em relação ao irmão mais velho, nossos dados mostram a construção de uma escolaridade contínua e a forte influência que exerciam sobre a fratria, o mesmo não ocorre com os mais novos. Como alguns estudos têm mostrado, o investimento dos pais nos primogênitos parece ter como uma das conseqüências um percurso escolar com menos sucesso para os mais jovens. Nas duas famílias os dois irmãos mais novos, tiveram o menor grau de escolaridade.

A profissão exercida pelos pais, muitas vezes, aproxima ou distancia os filhos da escola. Diante dos depoimentos das filhas, podemos observar, ao mesmo tempo, a negação e a afirmação dos pais em relação à continuidade dos filhos em suas profissões.

Diante dos depoimentos, podemos observar que as profissões dos pais, de ambas as famílias, ajudaram em momentos importantes da vida escolar dos filhos. Essas profissões possibilitaram um determinado capital social, que no momento oportuno foi utilizado.

Nas duas famílias estudadas, segundo os depoimentos, os pais nunca expressaram o desejo de que os filhos seguissem uma ou outra profissão, de forma direta, sempre os deixaram livres para essa escolha.

Dentro da atividade familiar, principalmente nos meios populares, há uma real necessidade de manutenção da organização da casa e, conseqüentemente, de uma rotina de atividades no dia-a-dia doméstico¹¹. Nas famílias estudadas, a organização da casa é rememorada como necessária para o bem estar da família. Sendo assim, era necessário que essas atividades fossem bem divididas entre seus membros. Existia um papel específico, muito bem definido, para cada um dos filhos nas atividades domésticas, ou seja, havia uma rotina diária muito bem dividida entre as atividades domésticas e escolares.

Intencionalmente, essa “disciplina” poderia ser realizada como um trabalho exercido pelos pais, principalmente pela mãe, com os filhos, para que essa “ordem e regularidade” que simbolizam também uma boa família, como foi dito anteriormente,

¹¹ Como também foi observado por Lahire (1997).

fossem incorporadas pelos filhos. Os filhos levariam, assim, essas atitudes para a vida e, principalmente, para o âmbito escolar: a responsabilidade na divisão das tarefas, a ordem e a seriedade em suas realizações, ou seja, como afirma Lahire (1997, p. 26), “*pôr ordem em casa é uma outra maneira de pôr ordem nas suas idéias*”.

As duas famílias estudadas pareciam criar hábitos e uma rotina bem definida entre as atividades domésticas (descritas acima) e as atividades escolares, que tinham como finalidade o sucesso escolar dos filhos. No caso da família 1, em que os pais têm um baixo grau de escolarização, a mãe, mesmo que intuitivamente, compreendia a importância de incentivar, acompanhar e sistematizar diariamente as atividades escolares dos filhos. Na família 2, em que os pais têm um grau de escolarização maior, pareciam saber a importância da disciplina e de uma rotina de estudo para o desenvolvimento intelectual dos filhos. Mesmo balanceando as diferenças em torno da intencionalidade dessas atividades, as duas famílias criaram estratégias ou procedimentos idênticos para desenvolver o acompanhamento escolar dos filhos, como por exemplo: a hora de estudar vinha antes de qualquer outra atividade; um local único e determinado para o estudo: a mesa da cozinha; o incentivo através de prêmios diversos; entre outros.

Em relação à circulação de livros na família 1, eram predominantes os livros escolares. Enquanto na família 2 os livros, principalmente de literatura infantil e os clássicos sempre foram presentes na vida dos filhos.

Podemos observar, diante do exposto que as famílias estudadas não eram omissas nem ausentes em relação à escolarização dos filhos. Muito pelo contrário. Em um período histórico em que apenas o ensino primário se encontrava parcialmente democratizado e em que as discussões em torno da necessidade de escolarização não eram correntes como hoje, principalmente nos meios populares, essas famílias criaram, internamente, práticas socializadoras, nem sempre conscientes, que tinham como objetivo a melhor escolarização dos filhos.

3. As trajetórias de escolarização

De um modo geral,¹² em relação às trajetórias de escolarização, uma das condições que nos pareceu importante nesse processo foi a antecipação, realizada pela família, às ações da escola, ou seja, havia a preocupação de preparar os filhos para a entrada na escola antes da idade escolar, o que era raro no período, quando a oferta do nível pré-primário era insignificante na maioria das cidades. Essa atitude das famílias estudadas talvez possa ser

¹² É importante salientar que cada filho teve uma trajetória de escolarização específica, porém, pela impossibilidade de relata-las no momento, primei por considerações mais gerais em torno da trajetória de cada família.

explicada pelo fato de a escola ser um universo distante da sua realidade dela: os pais, que não viveram esse processo, parecem ter se esforçado ao máximo, através de uma ação em casa ou em instituições pequenas, para que seus filhos se adequassem melhor ao mundo escolar.

No caso da família 1, o aprendizado básico da leitura e da escrita foi realizado em ambientes considerados escolares. Inclusive as aulas particulares com uma professora do bairro, antes de chegarem a idade escolar. Esses ambientes também possibilitaram o acesso a materiais de leitura que não se encontravam com frequência no ambiente família.

No caso da família 2, as primeiras experiências de escolarização dos filhos ocorreram, já no curso primário, em um Grupo Escolar na cidade de Barreiros. Em relação ao aprendizado básico de leitura e escrita, a depoente disse que aconteceu em casa. Assim, já chegaram na escola sabendo ler e escrever.

O exame de admissão era um dos fatos mais marcantes que compunha o ensino secundário no período estudado: não há quem tenha estudado nesse momento que não lembre desse processo, do curso preparatório, do livro etc.¹³

Na família 1, somente Lúcia passou e foi aprovada por esse exame na primeira vez que realizou, quando Luiz e Luciana cursaram o então denominado 1º grau, o exame já não mais figurava na lei educacional. Na família 2, os três filhos fizeram o exame e passaram na primeira vez.

Ao passar no exame de admissão, ingressava-se diretamente no ginásio. As famílias analisadas fizeram essa parte do ensino secundário de formas diferentes. Na família 1, apenas Lúcia fez o secundário durante a década de 60, Dessa forma, ela fez o ginásio e o pedagógico na Escola Normal sem nenhuma reprovação. Seus irmãos mais novos, Luiz e Luciana, por fazerem o secundário em um período posterior, final de 60 e durante a década de 70, traçaram um caminho diferente. Já na família 2, Célia e Dorinha fizeram o ginásio ainda em Barreiros e, depois, com a mudança para o Recife, Célia continuou o secundário escolhendo fazer o científico também na Escola Normal, sem nenhuma interrupção, enquanto seu irmão concluiu todo esse nível de ensino no Ginásio Pernambucano.

O fato de Lúcia, José e Célia terem estudado em escolas públicas de prestígio parece ter influenciado decisivamente, nesses casos, no processo de construção de trajetórias escolares longas e de sucesso. Observamos, por outro lado, que os filhos que

¹³ Segundo Barroso (1998), “o acesso aos estudos pós-primários era, na prática, um privilégio daqueles que podiam pagar mensalidades escolares. Àqueles que não dispunham de condições para sustentar-se em escolas privadas restava ou prestar concurso de admissão aos poucos ginásios gratuitos então existentes, ou postular bolsas de estudo para frequentar escolas particulares sem pagar, ou pagando mensalidades menores” (p. 114).

não estudaram nesse tipo de escola, como Luciana e Luiz, tiveram trajetórias escolares menos bem sucedidas. Assim, a escolha da instituição de ensino, nesse caso tradicional e prestigiosa, foi uma condição que propiciou a alguns filhos trajetórias de escolarização com maior sucesso.

No período, somente uma pequena parcela da população chegava aos níveis superiores de ensino¹⁴. No caso da família 1, apenas Lúcia e Luciana fizeram o curso superior, em períodos e de formas diferentes. Luiz não chegou ao curso superior. Lúcia passou no vestibular logo que terminou o secundário, fez o curso de Pedagogia em uma instituição federal, onde o concluiu. Já Luciana fez um percurso bem distinto para completar seu curso superior de Letras em uma instituição privada, com várias interrupções. No caso da família 2, os três filhos concluíram o ensino superior. José e Célia fizeram Medicina na e Dorinha fez Pedagogia, todos em instituições públicas.

4. Outros fatores

Além do espaço familiar e escolar, acreditamos que os sujeitos estudados tenham encontrado referências exteriores a esses núcleos que contribuíram para a construção da longevidade escolar. Ou seja, existiram outras instâncias de socialização de que esses indivíduos fizeram parte que influenciaram, direta ou indiretamente, nesse processo. A primeira dessas instâncias é a cidade. Nos anos 50, o Recife era uma cidade caracterizada pela sua efervescência cultural¹⁵ e por já se encontrar plenamente urbanizada e Barreiros¹⁶ vivia o auge da indústria açucareira. Diante disso, podemos observar que, no período, morar em cidades ou em bairros específicos, com características urbanas, culturais e econômicas intensas, com acesso a bens culturais de prestígio, como cinemas, bibliotecas, parecem ter interferido bastante na trajetória escolar desses sujeitos.

Além disso, outros fatores como a influência da religião nesse processo; a presença de uma pessoa de referência externa ao núcleo familiar, que tenha ajudado essa família durante o percurso de escolarização dos filhos; o exercício de um trabalho, que podemos considerar intelectual, paralelo ao estudo, como bancas de estudos ou aulas particulares,

¹⁴ Quando analisamos as taxas de escolarização referentes a esse nível de ensino tomando como categoria a cor da pele, essa estatística se torna ainda mais surpreendente. Segundo o censo de 1950, 3% da população declarada como branca tinha o curso superior completo, os pardos representavam 1% e os negros 0,1% do total (FGV, 1957, p. 69). Essa estatística mostra o caráter de exceção dos percursos escolares dos filhos das famílias estudadas nesta pesquisa.

¹⁵ A cidade, no seu aspecto cultural, é que demonstrava ainda mais a sua efervescência, pois contava com 25 bibliotecas gerais e especializadas, públicas e particulares, e as bibliotecas ambulantes. Circulavam no período cerca de sete jornais diários, três rádios, 27 tipografias, além de quarenta e seis cinemas, um museu, um teatro e 24 livrarias, além das atividades artísticas que eram realizadas em vários bairros.

¹⁶ Cidade em que a família 2 viveu até a adolescência dos filhos. Barreiros está localizada no litoral da zona da mata sul pernambucana. Ela surgiu no começo do século XIX, em um povoamento em volta de uma capela dedicada a Santo Antônio. É uma das cidades que teve seu auge na efervescência da produção das usinas de cana-de-açúcar nas décadas de 40 e 50 no Estado.

além de atividades artesanais; o acesso a bibliotecas e a realização de cursos extra-escolares, também surgiram nos depoimentos como condições que ajudaram nesse processo.

5. Considerações finais

As condições foram formadas a partir de investimentos diversos, como os referentes ao âmbito familiar, aos da escola e de outros fatores que compuseram a trajetória de longevidade escolar desses filhos.

Podemos considerar as histórias de escolarização dos filhos pesquisados como trajetórias de longevidade escolar, pois todos atingiram o ensino secundário ou superior no período estudado e conseguiram negar a “herança”, ultrapassando a formação escolar dos pais. Em alguns casos, foram trajetórias contínuas e sem interrupções; em outros, com certos percalços.

Levando em consideração as particularidades de cada família, em relação ao papel ocupado por ela nesse processo, identificamos alguns elementos que parecem ter sido decisivos na realização do projeto de escolarização dos filhos. Inicialmente, trata-se de famílias pequenas, com poucos filhos, o que não era comum no período, principalmente em meios populares. O sucesso escolar era um projeto anterior à escola; ele foi gerado na família, tendo como maior responsável a mãe. O papel da mãe se sobressaiu diante dos demais, assim como o irmão mais velho. Outra condição importante nesse processo era a divisão das atividades no interior da família, ou seja, a existência de uma rotina diária doméstica bem dividida e bem definida, que levava em consideração o papel fundamental e primordial da escola. Além de uma construção contínua de uma auto-estima positiva.

Constatamos, ainda, que morar em uma cidade com vida econômica, social e cultural intensa, viver em um bairro com vizinhança mais escolarizada, ter a ajuda de pessoas externas ao núcleo familiar como referência na vida escolar, participar de práticas religiosas, dar aulas particulares como uma forma de obter um rendimento financeiro sem precisar se ausentar de casa, nem prejudicar as atividades escolares, são condições que surgem ao longo da trajetória de vida desses indivíduos e que foram fundamentais para a longevidade escolar.

Apesar de termos colocado, inicialmente, a questão étnico-racial como elemento central desta pesquisa, observamos, a partir dos depoimentos, que o ser negro parece não ter sido um fator determinante nessas trajetórias. O pertencimento social, por outro lado, concretizado, na fala dos entrevistados, pela referência à falta de recursos financeiros,

parece ter sido fundamental: pertencer aos meios populares foi, em muitos momentos, uma barreira no processo de construção dessas trajetórias escolares.

Constatamos, também, como já fizeram outros estudos, que os meios populares não podem ser vistos como grupos homogêneos, pois embora as famílias estudadas tenham tido práticas comuns na realização do projeto de escolarização dos filhos, evidenciaram, também, diferenças significativas nesse processo.

Este estudo possibilitou compreender melhor a própria formação do indivíduo, em instâncias diversas, como um ser social capaz de superar limites e barreiras que tornariam improváveis o seu acesso e a sua permanência no sistema escolar, em um período histórico em que níveis superiores de ensino não tinham as pessoas de meios populares como principal público.

6. Referências Bibliográficas

- ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BARROSO FILHO, Geraldo. *Formando individualidades condutoras: o Ginásio Pernambucano dos anos 50*. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, 1998.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. *Les Héritiers, Les Étudiants et la culture*. Paris: Minut, 1964.
- BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998d, p.71-79.
- FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Conjuntura Econômica*. Rev. ano XI, n.3, março. Rio de Janeiro, 1957.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Leitura: algo que se transmite entre gerações? In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.) *Letramento no Brasil*. São Paulo: Global, 2003, p. 125-153.
- _____. Processos de inserção de analfabetos e semi-alfabetizados no mundo da cultura escrita (1930-1950). *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: v.16, p.81-94, 2001.
- GURGEL, Paulo Roberto Holanda. *Ditos sobre o sucesso escolar: estudo de casos no estado da Bahia*. Projeto de Educação Básica para o Nordeste. Brasília: MEC, 1998.
- HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p.35-74.
- LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.
- NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (orgs.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- PORTES, Écio Antônio. *Trajetoórias escolares e vida acadêmica do estudante pobre da UFMG: um estudo a partir de cinco casos*. Belo Horizonte, 2001. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação – UFMG, 2001.
- VIANA, Maria José Braga. *Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade*. Belo Horizonte, 1998. Tese (Doutorado em Educação) FAE-UFMG, 1998.
- _____. Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (orgs.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 45-60.